

O capitalismo está chegando ao fim. Mas como?

Fredo Corvo

Link:

<https://afreeretriever.wordpress.com/portfolio/discussion-contributions-on-the-question-of-capitalisms-decadence/4/>

O capitalismo está chegando ao fim. Mas como?

A maior integração da China ao capitalismo leva à sua "obsolescência"?

Essa pergunta está parcialmente relacionada à interpretação de uma citação sobre o desenvolvimento da China e da Índia do livro *The Workers' Councils*, de Anton Pannekoek, escrito durante a Segunda Guerra Mundial. Para ver a citação, consulte a [resposta on-line de C.Mcl. de 15 de novembro de 2021](#)¹. Este último pensa que agora estamos vivenciando esse processo descrito por Pannekoek, que o capitalismo está lentamente entrando em seu período de "obsolescência"; C.Mcl. prefere usar esse termo em vez de "declínio" do capitalismo. Em meu [comentário on-line de 16 de novembro de 2021](#), fiz uma observação sobre isso:

- que C.Mcl. ignora o fato de que Pannekoek pensava que o capitalismo encalharia se não pudesse mais contar com um exército industrial de reserva;
- que C.Mcl. não examinou os indícios de que a "população excedente", a população destituída de seus meios de subsistência, está aumentando em certas regiões e possivelmente em todo o mundo, em vez de diminuir como Pannekoek previu.

Será que Pannekoek realmente quis dizer que o capitalismo chegaria ao fim com a integração das muitas centenas de milhões de pessoas que povoam as férteis planícies fluviais do leste e do sul da Ásia como trabalhadores assalariados na produção capitalista? No comentário acima, eu me referi a outros textos para explicar melhor

¹ Também em ['A Free Retriever's Digest' Vol.5 #1](#) (janeiro a março de 2021): *O capitalismo entrou em sua decadência desde 1914? A Blog Discussion (novembro de 2020)*, página 15 e seguintes.

minha interpretação. Em particular, trata-se do seguinte trecho: "... *também deve haver um reservatório suficiente de seres humanos para que, à medida que o número de trabalhadores continue a aumentar, não ocorra escassez. Também não é preciso dizer que uma sociedade capitalista, que já inclui **todas as** pessoas, não pode se expandir mais.*"²

Parece claro para mim que Pannekoek pressupõe, para a sobrevivência do capitalismo, um crescimento contínuo de proletários em busca de emprego, para o qual Marx, na época, usou a noção de um *"exército industrial de reserva"* ou *"população excedente"*³. Esse crescimento é hoje assegurado pela migração legal e, principalmente, pela migração ilegal, ou pela expansão da produção capitalista para a Índia e a China, dentro desses últimos países pela migração rural-urbana e pela realocação da produção da China para o Sudeste Asiático, a Indonésia e a Etiópia. A principal pergunta - que C.Mcl. não faz - é, portanto, se esse crescimento da população desempregada está garantido. Minha resposta a essa pergunta, ao contrário do que Pannekoek pensava, é: *"sim"*, há uma crescente *"população excedente"*. A demanda por uma prova de minha tese de uma população excedente crescente é agora colocada sobre mim. Para isso, após algumas pesquisas na Internet - não sou economista nem estatístico - só posso me referir a algumas fontes que explicam como é "difícil" medir o desemprego, como os números do desemprego são distorcidos em escala global por definições extremamente restritas e, finalmente, a alguns dados estatísticos⁴.

O fenômeno da população excedente, da precariedade e do trabalho migratório faz parte da atual "condição da classe trabalhadora", tanto regional quanto globalmente, e merece um exame mais aprofundado a partir de uma perspectiva histórico-materialista, a partir da ciência do proletariado, a serviço - como observei - *"das vastas massas que perderam seus meios de subsistência sem encontrar trabalho no capitalismo, do Iraque ao Chile e da Pensilvânia à África do Sul"* e que *"não podem ficar satisfeitas com uma*

² Anton Pannekoek, *The economic necessity of imperialism* ("De Nieuwe Tijd", 1916), [Seção III \[Dois erros de Luxemburgo\]](#). Também em: AFRD Vol.5 #1, página 30 e seguintes.

³ Karl Marx, O Capital Vol. 1, Cap. 25: *A Lei Geral da Acumulação Capitalista*. Seção 3, [Produção progressiva de uma população excedente relativa ou Exército Industrial de Reserva](#).

⁴ Wikipedia, [Exército de reserva do trabalho](#). Nele, entre outras coisas, a declaração *"A OIT relata que a proporção de desempregados tem aumentado constantemente desde o início da crise financeira de 2007-2008"*. Para obter informações estatísticas, consulte as várias contribuições de Jehu (cujas opiniões não compartilho), em especial [a crítica fracassada de Jeremy Roos ao comunismo do século XX](#), [Labor Theory for \(Marxist\) Dummies: Parte 4](#), e: [Tracking the collapse of wage slavery in real time \(Acompanhando o colapso da escravidão salarial em tempo real\)](#).

análise centrada nos antigos centros industriais do capitalismo mundial". Tampouco os mineiros e siderúrgicos desempregados dos EUA ficarão satisfeitos com a proposição de que não houve perda líquida de empregos devido à realocação de suas indústrias para a Ásia.⁵"

Obviamente, a situação atual da classe trabalhadora não pode ser examinada apenas com algumas citações de Pannekoek em 1916 e 1946. Para uma crítica da teoria da decadência do capitalismo, Pannekoek é importante porque sempre se opôs à visão de que o capitalismo entraria em colapso automático e irreparável. Em *The Economic Necessity of Imperialism (A necessidade econômica do imperialismo)*, ele resume sua crítica à sustentação de Luxemburgo sobre a saturação dos mercados por meio dos diagramas de reprodução de Marx. Não vamos nos aprofundar nesse assunto, mas ressaltamos que a teoria da decadência do ICC se baseia no argumento de Luxemburgo. Além disso, Pannekoek também eliminou a tendência de queda da taxa de lucro como base teórica da teoria das crises de Grossman e Mattick. Em vez de um colapso automático e irreparável do capitalismo, Pannekoek argumenta que as crises periódicas surgem do desequilíbrio dos fatores econômicos inerentes ao capitalismo. Em vez de uma necessidade econômica do imperialismo, ele postula uma necessidade social e política que decorre do poder das grandes empresas. Somente na periferia de suas reflexões, Pannekoek fala de um fim do capitalismo em um futuro então - em 1916 e 1946, respectivamente - distante: pelo esgotamento das condições "*materiais*" para a expansão da produção. Em 1916, essas são "*quantidades ilimitadas*" de matérias-primas na natureza, em 1946 ele já fala dos "*métodos aventureiros brutos do capital - que em todos os continentes estão em processo de destruição da fertilidade da terra*"⁶. Não sem importância, e até mesmo altamente atual à luz das atuais crises ambientais e de saúde. Mas aqui se trata da segunda condição material mencionada por Pannekoek que o capitalismo não seria mais capaz de cumprir, a de uma força de trabalho em quantidades "*suficientes*" para expandir a produção.

Na contribuição a seguir para a discussão sobre a decadência do capitalismo, vou elaborar a noção do desenvolvimento das forças produtivas com Marx e Engels, com a

⁵ [Comentário on-line de Fredo Corvo de 13 de novembro de 2021.](#)

⁶ Traduzido da edição em holandês: P. Aartsz (Anton Pannekoek), [De arbeidersraden](#), Amsterdã, 1946, p. 81. (digitalização fac-símile em pdf)

social-democracia, com o bolchevismo e, finalmente, responder à pergunta sobre o que resta teoricamente da teoria da decadência do capitalismo.

O desenvolvimento das forças produtivas com Marx e Engels

A questão que levantei é se é verdade *"que o capitalismo, como todos os modos históricos de produção anteriores a ele, se desenvolve de acordo com uma curva com ascensão, cume e queda? Até onde eu sei, Marx e Engels nunca disseram nada disso"*. Portanto, gostaria de ver citações de Marx e Engels que provem que estou errado. As citações de Marx e Engels citadas para esse fim referem-se ao desenvolvimento das forças produtivas e sua desaceleração em *crises periódicas*. De fato, é possível encontrar afirmações de que o capitalismo teria sobrevivido a si mesmo historicamente, afirmações ... às quais eles têm que voltar mais tarde. Esses erros de Marx e Engels são apenas a contrapartida de uma constante em sua atividade, a saber, que desde o início, Marx e Engels incentivaram a classe trabalhadora em cada abertura histórica que se apresentava (especialmente as revoluções de 1848 e a "prematura" Comuna de 1871) a levar adiante suas lutas independentes como classe ao máximo e, assim, *acelerar* o desenvolvimento histórico, uma vez que qualquer desenvolvimento "natural" do capitalismo causa um sofrimento humano incalculável. Por desenvolvimento adicional das forças produtivas, Marx e Engels entendiam o desenvolvimento da pequena para a grande empresa, a industrialização adicional e os efeitos benéficos que isso teria sobre a luta dos trabalhadores. Isso é bem diferente de presumir que o capitalismo como um todo, como um modo histórico de produção, entraria em um período de declínio irreversível depois de atingir um pico, como vários teóricos acreditavam durante e imediatamente após a Primeira Guerra Mundial.

Como suposta evidência de que Marx e Engels já falavam de um período decadente do capitalismo, costuma-se fazer referência ao *Prefácio* de Marx à *"Contribuição à Crítica da Economia Política"*⁷ e a citações do *"Anti-Dühring"* de Engels. Em uma leitura mais atenta, esses trechos de texto apenas articulam que a revolução proletária, como as revoluções anteriores, pressupõe que as relações de classe existentes, em vez de serem

⁷ Um trecho desse *prefácio*, que geralmente é visto como a síntese de Marx do materialismo histórico, pode ser encontrado [aqui](#).

propícias ao desenvolvimento das forças produtivas, tornam-se um obstáculo a elas, veja bem ... em crises periódicas.

Marx explica no *Prefácio* que, após as revoluções de 1848, ele retomou o estudo da economia política porque *"o novo estágio de desenvolvimento em que essa sociedade [burguesa] parecia ter entrado com a descoberta de ouro na Califórnia e na Austrália me induziu a recomeçar desde o início e a trabalhar cuidadosamente com o novo material"*. Observe que Marx está falando aqui de uma conjuntura ascendente.

Além disso, ao dizer: *"Abandonamos o manuscrito à crítica corrosiva dos ratos com tanto mais vontade quanto havíamos alcançado nosso principal objetivo - o autoesclarecimento"*, Marx está se referindo inequivocamente à *Ideologia Alemã*. Nela, em 1845-1846, Marx e Engels resumiram sua visão - o materialismo histórico - de forma muito mais extensa, incluindo, não por coincidência, o primeiro ponto de suas conclusões:

*"No desenvolvimento das forças produtivas, chega-se a um estágio em que surgem forças produtivas e meios de relacionamento que, sob as relações existentes, só causam danos, e não são mais forças produtivas, mas destrutivas (maquinário e dinheiro) - e, junto com isso, surge uma classe que tem de suportar todos os fardos da sociedade sem desfrutar de suas vantagens, que, expulsa da sociedade, é forçada ao mais decidido antagonismo com todas as outras classes; uma classe que forma a maioria de todos os membros da sociedade e da qual emana a consciência da necessidade de uma revolução fundamental, a consciência comunista, que pode, é claro, surgir entre as outras classes também por meio da contemplação da situação dessa classe."*⁸

Aqui a "decadência" do capitalismo ou, se quisermos, sua "obsolescência", portanto, não se desenvolve no futuro, mas desde seu início, simultaneamente com o surgimento da classe trabalhadora. Enquanto C.Mcl. e também Anibal situam a decadência do capitalismo no futuro, eu defendo - também por razões que explicarei mais tarde - que é mais claro não falar de um *"período de decadência"* do capitalismo de forma alguma.

⁸ Marx/Engels, *A Ideologia Alemã*, Parte I: Feuerbach. Oposição das perspectivas materialista e idealista. D. Proletários e Comunismo, sob o intertítulo editorialmente acrescentado "[A Necessidade da Revolução Comunista](#)".

O desenvolvimento das forças produtivas de acordo com a social-democracia

A teoria da decadência do capitalismo entende o conceito de "*forças produtivas*" apenas em um sentido técnico, ou seja, como máquinas, instalações, etc. Se examinarmos, por exemplo, os prefácios de Marx e Engels em várias edições do *Manifesto Comunista*, veremos que, por "*forças produtivas*", eles também se referem às pessoas que operam esses meios técnicos de produção, os trabalhadores, e que estão particularmente interessados nas vantagens que um maior desenvolvimento da indústria, o desenvolvimento de pequenos negócios para grandes empresas, teve para a organização e a consciência da classe trabalhadora. Em "*The Economic Necessity...*" (*A necessidade econômica...*) Pannekoek apontou:

- Essa visão unilateral e técnica do desenvolvimento das forças produtivas e de uma suposta desaceleração do mesmo em um futuro colapso histórico do capitalismo remonta a Kautsky e ao Programa de Erfurt do SPD.
- Kautsky baseia isso na Depressão que começou em 1875, embora ela tenha sido sucedida por um novo período de florescimento desde 1894. Esse último foi considerado pelo revisionismo - especialmente por Bernstein - como perpetuamente livre de crises e, portanto, uma refutação da teoria das crises de Marx⁹.
- Que o objetivo do movimento dos trabalhadores não é o desenvolvimento das forças produtivas por meio da acumulação capitalista, cujos benefícios revertem quase que inteiramente para o capital. Tampouco é a concentração e a conscientização dos trabalhadores, porque uma classe não impõe conscientemente a si mesma relações mais desumanas a fim de lidar melhor com suas tarefas futuras.

A última declaração de Pannekoek, de 1916, foi dirigida principalmente contra a ala "*social-imperialista*" do SPD, que justificou a participação na Primeira Guerra Mundial com base no fato de que isso (...) beneficiou o desenvolvimento das forças produtivas e, portanto, preparou o socialismo.

⁹ Para uma introdução à crítica de Rosa Luxemburgo a Bernstein, consulte [Fasen in de ontwikkeling van het kapitalisme](#). Nesse texto de 2016 (somente em holandês), não abordo a refutação de Luxemburgo feita por Pannekoek e continuo defendendo a decadência do capitalismo.

O desenvolvimento das forças produtivas de acordo com o bolchevismo

É irônico perceber que o bolchevismo usou a mesma concepção técnica unilateral do desenvolvimento das forças produtivas para justificar ideologicamente a exploração e a opressão extremas da classe trabalhadora russa, lideradas pelo partido, como um "passo em direção ao comunismo". Enquanto os revisionistas russos e os social-imperialistas (mencheviques) consideravam o desenvolvimento das forças produtivas na Rússia insuficiente para uma revolução social e, portanto, deixavam essa tarefa para a burguesia liberal, os bolcheviques se lançaram à luta. Quando a revolução na Rússia se tornou isolada, eles decidiram continuar com sua responsabilidade governamental e prosseguir com o desenvolvimento do capitalismo de estado nos moldes... da economia de guerra alemã. A propósito, isso contrasta com as opiniões de Marx e Engels sobre a revolução burguesa de 1848 na Alemanha, como Willy Huhn demonstrou¹⁰.

O bolchevismo em todas as suas variedades (leninismo, trotskismo, stalinismo) limitou o conceito de capitalismo ao estágio do capitalismo privado ou liberal¹¹. Esse estágio foi superado por volta de 1900 pelo desenvolvimento do capitalismo monopolista, pelo surgimento do *Finanzkapital*, pelo entrelaçamento dos negócios com o estado imperialista, em suma, pelo que foi chamado de *capitalismo de estado*¹². O capitalismo de estado - ao contrário das advertências de Engels - foi adotado por várias correntes do bolchevismo como a base econômica do socialismo (com a ditadura do partido fornecendo a base política), como o primeiro estágio do socialismo ou simplesmente como socialismo. O "*socialismo*" ou os "*estados operários burocratizados*" da União Soviética, dos países do Bloco Oriental, da China, da Coreia do Norte, do Vietnã (do Norte) e de Cuba, na verdade capitalismo de estado fracos, foram apresentados como superiores ao "capitalismo" (privado). Enquanto o "socialismo" permitiria um desenvolvimento progressivo das forças técnicas de produção e, portanto, aproximaria o comunismo pleno, o "capitalismo" ocidental (privado) era considerado na propaganda bolchevique como um sistema ultrapassado "em declínio" que exerceria um freio cada vez maior sobre o desenvolvimento das forças de produção.

¹⁰ Em particular, consulte Willy Huhn (1961), [On the doctrine of the revolutionary party \(1ª parte\)](#), também em ['A Free Retriever's Digest' Vol.3 #3](#) (julho - setembro de 2019) p. 17 e seguintes.

¹¹ Os trotskistas, stalinistas e até mesmo o regime de Putin de hoje mantêm essa prática para se opor ao "neoliberalismo"; veja, por exemplo, os comentários de Lavrov em resposta ao caso Navalny em 18-1-2021.

¹² Huhn analisou isso no que diz respeito ao trotskismo em "*Trotzki - der gescheiterte Stalin*", [Kap. Zur Theorie des "Arbeiterstaates" in Rußland](#), § III ff. (idioma alemão)

Grupos atuais como o ICC, o IGCL, a *"Emancipación"* e várias organizações que se consideram sucessoras diretas da Esquerda Comunista Italiana rejeitam a identificação do capitalismo de estado com o socialismo e defendem que o capitalismo de estado é uma tendência dentro do modo de produção capitalista como um todo¹³. Por outro lado, todas as organizações mencionadas acima aderem inabalavelmente a uma teoria da decadência do capitalismo, conforme proclamado pelo Comintern.

“Onde eles diferem é na explicação econômica dessa decadência, por meio da qual eles recorrem às várias explicações que Marx deu para as crises econômicas periódicas ou cíclicas. Aqui, por exemplo, a CWO e o ICC competem entre si - e com indivíduos dentro delas - por meio de explicações baseadas na tendência de queda da taxa de lucro, respectivamente, os problemas dos mercados, que ambos vinculam, a seu modo, à Primeira e à Segunda Guerra Mundial, à Guerra Fria e às guerras por procuração e guerras regionais que foram travadas desde então. Acredito ter sido claro nesse ponto, concordando que ambas as explicações dos fenômenos de crise econômica no capitalismo são "explicações de um fator, enquanto Marx, em cada uma de suas análises de várias recessões, destacou um fator diferente como a causa principal e que todos os fatores estão inter-relacionados."¹⁴ Vinculada a isso está a demonstração por C.Mcl. da "realidade das ordens produtivas do capitalismo como determinante para a sobrevivência contínua do capitalismo."¹⁵

O pano de fundo dessas teorias de decadência descritas acima (a suposta superioridade histórica do capitalismo de estado sobre o capitalismo privado), além de manter a ideia de revolução burguesa, implica que o interesse nas diferenças entre a revolução proletária e a burguesa diminuiu, respectivamente, foram deixadas para Otto Rühle e seus seguidores, como Wagner, Brendel e Simon¹⁶.

¹³ Mas, às vezes, também vemos que, em sua "compreensão" da política dos bolcheviques, depois de terem mostrado o capitalismo de estado e/ou a ditadura do partido pela porta, eles estão deixando-os entrar novamente pela janela, como o IGCL; veja *"Back to a State Capitalist Program. Como uma não-discussão revela posições Bordigistas"* em: ['A Free Retriever's Digest' Vol.4 #4](#) (outubro - dezembro de 2020), p.21 e seguintes.

¹⁴ Cf. M.R., *'La crise qui vient'* (primavera de 2016, com atualização de 2019), disponível em [Capitalisme & Crises Économiques](#). (Francês).

¹⁵ [Comentário on-line de Fredo Corvo de 13 de novembro de 2021.](#)

¹⁶ O problema com essas teorias que assumiram, na época (1917-1923) e posteriormente, o caráter total ou parcialmente burguês das revoluções na Rússia é que elas não incluíram em seu argumento o fato de que, após o fracasso das revoluções europeias de 1848, Marx não falou mais em revoluções burguesas e considerou a Rússia como dominada pelo modo de produção asiático. Além disso, a ideia de uma revolução burguesa na Rússia no início do século XX contradizia as explicações do imperialismo que

Diferenças entre as revoluções proletária e burguesa

Em minha crítica ao C.Mcl., defendo uma terceira visão, além daquela da decadência desde 1914, ou aquela de uma decadência em um futuro próximo ou distante, ou seja, a inexistência de um período decadente do capitalismo. Para tanto, aponto para o tema negligenciado das diferenças entre as revoluções proletária e burguesa.

A classe trabalhadora, como uma classe não possuidora e não exploradora, não pode desenvolver gradualmente seu modo de produção comunista dentro das relações sociais existentes. Isso contrasta com a burguesia, que desenvolveu a sociedade de mercadorias e o trabalho assalariado dentro das relações feudais. Um suposto "*declínio*" do capitalismo, portanto, não pode ser acompanhado por uma "*ascensão*" do socialismo. Olhando para trás, para os mais de 100 anos que se passaram desde 1914, devemos concluir que a necessidade de acumulação forçou o capital a buscar uma saída para as múltiplas crises econômicas em novos ressurgimentos. Em uma decadência desde 1914, a humanidade já teria perecido há muito tempo.

Como a *Comuna de Paris* demonstrou, a classe trabalhadora não pode assumir o controle do Estado burguês e usá-lo para seus próprios fins, da mesma forma que a burguesia, em sua revolução burguesa, conquistou o Estado feudal, transformou-o de acordo com suas necessidades e usou-o para seus fins de classe. O mesmo se aplica à tomada do alto escalão do Estado burguês, dos altos funcionários, dos generais, dos principais banqueiros e de suas instituições financeiras e econômicas (de guerra), como fizeram os bolcheviques após a Revolução de Outubro.

A separação entre economia e política do período do capitalismo privado, que no período do capitalismo monopolista continua apenas na aparência, bem como a separação entre as lutas econômicas e políticas da classe trabalhadora e entre as organizações econômicas e políticas, é obsoleta. A revolução proletária destrói o estado burguês e substitui a produção e a distribuição para fins lucrativos sob o trabalho

ênfaticamente a conclusão do mercado mundial e a ideia de desaceleração do desenvolvimento das forças produtivas, respectivamente, o fim da ascensão e o florescimento do capitalismo. Finalmente, essa ideia só pode explicar a luta dos bolcheviques contra a guerra imperialista a partir de um maquiavelismo atribuído a eles. Veja: [The Fatal Myth of the Bourgeois Revolution in Russia \(O Mito Fatal da Revolução Burguesa na Rússia\)](#). Uma crítica das "Teses sobre o bolchevismo" de Wagner no site *Left-wing communism (Comunismo de esquerda)*.

assalariado pelo objetivo de satisfazer as necessidades sociais por meio da associação de produtores livres e iguais em conselhos de trabalhadores. Esses conselhos exercem uma ditadura econômico-política das massas proletárias sobre o que resta das classes exploradoras e opressoras e tudo o que se identifica com a restauração do capitalismo¹⁷.

Na revolução proletária, são as massas trabalhadoras em luta que determinam seus meios de luta e os fins de sua luta. Isso contrasta com as revoluções burguesas - ou com as lutas de classe modeladas após elas - nas quais uma minoria burguesa manipulava as massas proletárias para seus próprios fins. O bolchevismo, seguindo o exemplo da social-democracia alemã, presumia que, sem liderança externa, os trabalhadores só seriam capazes de uma luta "econômica" de interesses. Isso incluía a ideia de que o desenvolvimento social seria o resultado de leis econômicas "naturais" "necessárias" do capitalismo, que levariam a crises e à guerra imperialista.

Pannekoek rejeita tanto essa ideia mecanicista quanto a da necessidade "ética" do socialismo propagada pelos revisionistas em favor de uma visão na qual a subjetividade revolucionária do proletariado é destacada. Em *"The Economic Necessity..."* (*A necessidade econômica...*), ele afirma que *"a angústia material, a preocupação, a miséria, a incerteza da vida os compelem à luta. O desenvolvimento capitalista desperta no proletariado o desejo e a vontade do socialismo, assim como desperta na burguesia o desejo e a vontade de preservar o existente"*. E: *"(...) o socialismo não será imposto pela fantástica grande crise final, na qual a produção capitalista fica irremediavelmente presa para sempre; ele é, no entanto, preparado e construído um pouco de cada vez pelas crises temporárias reais, nas quais essa produção fica presa todas as vezes. Cada crise dá uma sacudida nos trabalhadores, faz com que eles sintam mais fortemente a insustentabilidade, força-os a uma resistência mais forte e desperta uma vontade mais forte de lutar. Essas crises não são distúrbios acidentais, mas fazem parte do próprio mecanismo da produção capitalista. Se elas se transformarem em uma longa e desesperadora depressão, terá início uma era revolucionária com uma feroz*

¹⁷ Essa não é apenas a posição do GIC em *"Princípios Fundamentais da Produção e Distribuição Comunista"*, mas também a de Marx em sua *"Crítica do Programa de Gotha"* e em seu *"Primeiro Esboço de A Guerra Civil na França"*. Leia: [150º Aniversário da Comuna de Paris](#) - Como Marx caracterizou o período de transição e suas leis econômicas de movimento durante o levante da Comuna de 1871 (site "Left-wing Communism", 14 de março de 2021).

*luta de classes, que continuará a ter efeito sobre as transformações políticas dos anos posteriores.*¹⁸"

De maneira semelhante, Pannekoek argumenta que a política imperialista não decorre da necessidade econômica, mas do poder que o grande capital do carvão e do aço, com seu *capital financeiro*, exerce sobre a burguesia e a sociedade como um todo. Com base nessa análise, ele declara que a política social-pacifista do centro do partido em torno de Kautsky está desatualizada e incorreta¹⁹.

O que resta da decadência do capitalismo?

A teoria da decadência foi desenvolvida no contexto da Primeira Guerra Mundial e das revoluções que se seguiram. A Primeira Guerra Mundial foi a primeira de várias guerras inter-imperialistas que se seguiram à conquista colonialista do mercado mundial. O ciclo imperialista "crise-guerra-reconstrução-crise" foi vinculado à crise cíclica do capitalismo em várias teorias. Além disso, as noções de substituição do capitalismo privado pelo "capitalismo monopolista", do *Finanzkapital*, da tendência ao capitalismo de Estado, da unificação de todas as frações do capital em um capital nacional e em blocos imperialistas fazem parte de uma teoria do imperialismo que ainda considero valiosa para qualquer análise marxista séria do desenvolvimento econômico. A guerra inter-imperialista leva a mudanças importantes na redistribuição do trabalho excedente que o capital extorpe da classe trabalhadora internacional. A guerra, juntamente com a crise e as questões de meio ambiente e saúde, é uma parte importante da vida do proletariado em todo o mundo.

Em suas respostas a várias críticas à sua rejeição da decadência do capitalismo desde 1914, C.Mcl. afirma que reconhece 1914 como um ponto de inflexão importante e que compreende a importância das guerras imperialistas no desenvolvimento do capitalismo, mas que ainda não lidou com isso²⁰. Infelizmente, isso fica evidente em

¹⁸ Anton Pannekoek, *The Economic Necessity of Imperialism* ("De Nieuwe Tijd", 1916), [Seção V \[Origens da "necessidade natural" do socialismo e a ênfase nas forças produtivas\]](#).

¹⁹ Para conhecer o argumento completo de Pannekoek, remeto o leitor à primeira tradução recente para o inglês: [The Economic Necessity of Imperialism](#) ("De Nieuwe Tijd", 1916) (edição em pdf disponível para download gratuito em "Left-dis").

²⁰ [Resposta on-line de C.Mcl. de 15 de novembro de 2021.](#)

uma reflexão recente na qual ele aborda o crescimento econômico do Vietnã²¹. O crescimento econômico do Vietnã de 5% ao ano desde 1988 realmente fornece munição para combater as estupidezes do ICC. Mas como podemos explicar esse crescimento? C.Mcl. enfatiza que esse crescimento econômico do Vietnã ocorre após a devastação da guerra interimperialista nessa região há apenas uma ou duas gerações. Portanto, isso aconteceu em um *período de reconstrução*, que, a partir de um ponto quase zero, geralmente é acompanhado por altas taxas de crescimento e aumentos no consumo. Isso me parece confirmar o ciclo imperialista *crise-guerra-reconstrução-crise*. Esse ciclo também é importante devido ao envolvimento iminente do Vietnã em um conflito aberto entre o imperialismo chinês e o norte-americano. Em sua resposta às críticas mencionadas anteriormente, C.Mcl. fala de uma nova dicotomia imperialista entre a China e os Estados Unidos, "*que [representa] o perigo de uma terceira guerra mundial se o proletariado [não] conseguir deter o braço armado da burguesia*". Isso levanta questões como: O que significa "*o braço armado da burguesia*"? Existe também um braço desarmado? A classe trabalhadora pode formar uma frente com esse braço desarmado, etc.? No Vietnã, há tensões dentro da burguesia e do Partido Stalinista sobre a crescente influência chinesa e, ao mesmo tempo, as greves dos trabalhadores vietnamitas nas fábricas chinesas assumiram um caráter parcialmente nacionalista-racista²². A imprecisão e a ambiguidade não me parecem úteis para os trabalhadores e revolucionários do Vietnã e de outros lugares. A questão da guerra imperialista precisa ser esclarecida rapidamente.

Apesar de todas as críticas, gostaria de enfatizar mais uma vez que acredito que a teoria das "ordens produtivas", mencionada apenas brevemente neste artigo, e a explicação *multicausal* das crises econômicas [também] defendida por C.Mcl. provaram ser um acréscimo importante às conquistas anteriores no arsenal teórico da classe trabalhadora. Mas a teoria da decadência não tem mais lugar nesse arsenal, porque ela não é apenas contrária à realidade, mas, em minha opinião, também aos fundamentos teóricos do marxismo.

Fredo Corvo, janeiro/março de 2021

²¹ C.Mcl., 6 de novembro de 2020: [Les quatre malédictions du CCI sur la question nationale](#). (Língua francesa; 3º capítulo de "*The Falsehoods of the ICC*")

²² Consulte *Libcom*, 19 de junho de 2018: [Ongoing Struggles in Vietnam \(Lutas em andamento no Vietnã\)](#).

Fonte: [Er komt een einde aan het kapitalisme. Maar hoe?](#) Primeira versão publicada em 'Arbeidersstemmen', 29 de janeiro de 2021.

Tradução do autor (versão de 1º de março de 2021). Revisão e correções: H.C., 11 de março de 2021. Última edição: 14 de março de 2021.